

Universo Zaion



Zahroniel Syrran & Kael'Aran

Código da Vida em C++

Episódio 5

Entre Derivações e Reflexões

Cena 1

O intervalo inesperado

— Bom dia, pessoal. Infelizmente, o professor teve que faltar hoje. Assim que possível, iremos marcar a reposição desta aula. Por favor, permaneçam na sala de aula — explicou a assistente Fabiana antes de sair.

Leo ficou em silêncio por alguns segundos, mexendo nervosamente no caderno. Então, respirou fundo e virou-se para o lado.

— Alin... podemos conversar? — perguntou, meio tímido.

Ela ergueu as sobrancelhas, curiosa. — Sim! — respondeu, encarando-o.

— Sabe... aquilo que te prometi...

— Claro que me lembro. — disse ela com firmeza.

Leo ajeitou o notebook sobre a carteira, tentando parecer confiante.

— Estou me esforçando muito, e acho que estou conseguindo entender de verdade. Já até comecei a escrever meus próprios programas... Você quer ver?

Um sorriso rápido escapou do rosto de Alin.

— Mas é claro que sim!

(Leo abre os arquivos, mostra linhas de código, explica o que aprendeu com Zaion e como está progredindo sozinho. Ele fala rápido, quase tropeçando nas palavras, mas com brilho nos olhos.)

Depois de ouvir com atenção, Alin apoiou o queixo na mão e perguntou, com a naturalidade de quem já pensava no próximo passo:

— E por que você ainda não postou nada disso no GitHub? — perguntou Alin, com naturalidade.

Leo piscou, confuso.

— GitHub? O que é isso?

— O Zaion não te falou ainda?

— Não... — respondeu, surpreso.

— Seu irmão tem uma conta lá. Você não sabia?

Leo coçou a nuca, meio envergonhado.

— Desculpe... mas eu nem sei o que é isso.

Alin endireitou-se na cadeira, agora mais animada.

— Quer que eu te ensine?

Leo sorriu, um pouco aliviado.

— Adoraria!

— Então vamos começar. — disse ela, abrindo o notebook com brilho nos olhos.

Leo se inclinou para frente, curioso:

— Então... o que é GitHub afinal?

— Git/GitHub é um sistema de controle de versão. — começou Alin, gesticulando como se fosse uma professora improvisada.

— Ele guarda cada mudança que você faz no código, como se tirasse uma foto do projeto a cada passo. Assim, se algo der errado, você pode voltar atrás.

— Tipo um “Ctrl+Z” gigante? — perguntou Leo, os olhos brilhando de interesse.

— Exatamente! Só que muito mais organizado. — respondeu Alin com um sorriso.

— E o GitHub é o lugar onde você guarda esses projetos na nuvem. Ele conecta pessoas, permite colaboração e mostra para o mundo o que você criou.

Leo arregalou os olhos.

— Então... se eu usar o GitHub, outras pessoas podem ver meus programas?

— Sim, se você quiser deixar público. Mas também pode manter privado. — explicou Alin.

— O importante é que você vai ter um histórico confiável de tudo que produziu.

Leo respirou fundo, animado.

— Ok... mas como eu começo? — perguntou, já ajustando o seu notebook.

— Primeiro, você precisa instalar o Git no seu computador.

Se for Windows, é só baixar do site git-scm.com e instalar clicando em Next, Next, Finish.

Se for Linux, basta rodar no terminal:

```
sudo apt install git
```

Se for Mac, normalmente já vem instalado, mas dá pra usar também o Homebrew:

```
brew install git
```

— Ufa, até que não parece tão difícil. — suspirou Leo.

— Não é mesmo. Depois disso, você precisa criar uma conta no GitHub. — continuou Alin.

— É só acessar github.com, clicar em Sign Up e preencher com e-mail, senha e um nome de usuário.

Leo digitou rápido, murmurando para si mesmo:

— Ok... nome de usuário... vou colocar algo simples.

Alin riu, balançando a cabeça.

— Escolhe direito! Esse nome vai aparecer em tudo o que você postar.

Leo deu de ombros, mas sorriu.

— Pronto, conta criada. E agora? — perguntou, ansioso.

— Agora a gente cria o seu primeiro repositório. — explicou Alin.

— Lá no GitHub, você clica em New repository, dá um nome (tipo meus-programas), escreve uma descrição curta, escolhe se quer público ou privado e confirma.

— Então esse “repositório” é tipo uma pasta para guardar meus códigos?

— Exato! — respondeu Alin com empolgação.

— Só que é uma pasta especial: ela guarda versões, pode ser clonada para outros computadores e ainda serve como vitrine do seu trabalho.

Leo olhou para ela, admirado.

— Alin, você fala disso como se fosse fácil...

— Porque é! — riu Alin.

— E eu vou te guiar passo a passo.

Leo terminou de preencher os dados e sorriu orgulhoso.

— Pronto, Alin! Agora tenho minha conta: Leo-Alexander-Zanarelli.

— Muito bem! — respondeu Alin, batendo palmas discretas.

— Agora cria um repositório chamado Programas-em-Linguagem-C. Vai ser a pasta onde vamos guardar seus códigos.

Leo clicou em New repository, digitou o nome e confirmou.

— Já está criado. E agora?

Alin se inclinou para mostrar a tela.

— Tá vendo esse link que aparece aqui? Esse é o endereço do repositório remoto. Vamos clonar ele no seu computador, assim você já começa com a estrutura pronta.

— Clonar? Como assim? — perguntou Leo, franzindo a testa.

— É como se você baixasse uma cópia oficial do repositório. A diferença é que essa cópia já vem conectada ao GitHub. Então, sempre que você quiser mandar algo de volta, basta dar um push.

— Aah... então eu não preciso configurar tudo do zero?

— Exatamente. É bem mais fácil para começar.



Instruções (explicadas por Alin)

— Abre o terminal e digita:

```
git clone https://github.com/Leo-Alexander-Zanarelli/Programas-em-Linguagem-C.git
```

— Isso vai criar uma pasta chamada Programas-em-Linguagem-no seu computador, com o repositório já configurado.

Leo digitou o comando e viu a pasta aparecer.

— Consegui!

— Agora entra na pasta:

```
cd Programas-em-Linguagem-C
```

— Pronto, daqui em diante tudo que você fizer estará ligado ao repositório no GitHub.



Configurações de Permissão

Leo olhou preocupado.

— Mas... como o GitHub sabe que sou eu?

— Boa pergunta. — disse Alin, impressionada.

— Existem dois jeitos principais de autenticar no GitHub: usando HTTPS com login e token pessoal, ou configurando uma chave SSH. — explicou Alin, com calma. — Como você está começando, vamos pelo HTTPS, que é mais simples.

Ela fez um gesto para que Leo acompanhasse.

— Olha só o passo a passo:

Na primeira vez que usar git push, o GitHub vai pedir seu usuário e senha.

Só que hoje em dia não dá mais para usar a senha da conta. Você precisa de um Personal Access Token.

- No canto direito da tela, clique no seu ícone de perfil e depois em Settings.
- No canto direito da tela você vai ver o ícone do seu perfil, a profile picture. Logo abaixo tem o botão Edit. Ali você pode colocar uma foto ou escolher um avatar, para personalizar a sua conta.
- No lado esquerdo, role até o final e clique em Developer settings.
- Dentro dessa seção, escolha Personal access tokens.
- Para evitar problemas de compatibilidade, selecione Tokens (classic).
- Clique em Generate new token > Generate new token (classic).
- Copie o código gerado e guarde em um lugar seguro.

Quando o Git pedir, você digita seu usuário normalmente e cola o token no lugar da senha.

Leo coçou o queixo, tentando absorver tudo.

— Então, na prática, eu só digito meu usuário... e colo esse código especial quando o Git pedir a senha? — perguntou Leo.

— Isso mesmo. — confirmou Alin, sorrindo.

— Assim o GitHub reconhece que é você e libera as permissões para enviar alterações.

Leo balançou a cabeça devagar.

— Ah, entendi. Então, toda vez que eu usar o push, vou ter que digitar meu usuário e o token?

Alin pensou por um instante e explicou:

— Na teoria sim. Mas existe um truque: você pode configurar o credential helper, e aí o Git guarda seus dados, esta configuração é automática. Assim, depois da primeira vez, ele não vai pedir de novo.

Leo abriu um sorriso aliviado.

— Entendi! Bem melhor assim.



Fazendo o Primeiro Push

— Agora vamos testar. Cria um arquivo simples chamado teste.c. — sugeriu Alin.

Leo digitou rapidamente no editor:

```
#include <stdio.h>

int main() {
    printf("Meu primeiro programa no GitHub!\n");
    return 0;
}
```

— Perfeito. Agora salva e vamos mandar pro GitHub. Digite:

```
git add teste.c
git commit -m "Primeiro programa em C"
git push origin main
```

Leo respirou fundo e executou os comandos. Quando viu a mensagem de sucesso no terminal, abriu o navegador e enxergou o arquivo no GitHub.

Ele sorriu como se tivesse acabado de ganhar uma medalha.

— Alin! Eu consegui! Meu código tá lá de verdade!

Ela cruzou os braços, satisfeita. — Viu só? Agora ninguém pode dizer que você não está cumprindo a promessa. Esse é só o começo.

Alin fechou o notebook por um instante e sorriu.

— Legal. Você está progredindo muito.

Mas me fala: qual foi mesmo o desafio que o Zaion te propôs?

Leo coçou a nuca.

— Ah... eu até tinha esquecido. Ele pediu pra eu criar um jogo da forca. Mas estou com um pouco de dificuldade.

— Sei! — disse Alin, compreensiva. — Mas você não precisa começar do zero. O seu irmão tem uma versão simples desse jogo. Você pode criar um fork do repositório dele, melhorar o programa e depois abrir um “pull request” pedindo pra incluir suas melhorias. Aposto que ele vai ficar surpreso e orgulhoso.

Leo arregalou os olhos.

— Uau! Você pode me ensinar a fazer isso?

— Claro. Vamos por partes. — Alin voltou a abrir o notebook. — Primeiro, o fork.

Passo 1 — Fazer o fork (pela interface do GitHub)

— Acesse a conta do Zaion:

👉 <https://github.com/Zaion-Alaric-Zanarelli>

— Olha, aqui estão os repositórios públicos dele. O que nos interessa agora é este: LinguagemC.

Alin deu uma risadinha e completou:

— Mas antes, clica no botão Follow. Ele vai ficar surpreso quando notar... hahaha.

— Acesse o repositório do Zaion:

👉 <https://github.com/Zaion-Alaric-Zanarelli/LinguagemC.git>

— Lá em cima, clica no botão Fork. Isso cria uma cópia do projeto na sua conta.

— Quando terminar, você vai ter algo assim:

👉 <https://github.com/Leo-Alexander-Zanarelli/LinguagemC.git>



Passo 2 — Clonar o seu fork

— Agora a gente clona o seu fork pro computador, não o original:

```
git clone https://github.com/Leo-Alexander-Zanarelli/LinguagemC.git
cd LinguagemC
```

Leo digitou, ainda meio nervoso, e sorriu quando a pasta apareceu.

— Consegui!



Passo 3 — Adicionar o upstream (repositório do Zaion)

— Pra acompanhar as atualizações que o Zaion fizer, adiciona o original como:

```
git remote add upstream https://github.com/Zaion-Alaric-Zanarelli/LinguagemC.git
git remote -v
```

— Esse -v confirma: você agora tem origin (o seu fork) e upstream (o repo do Zaion).



Passo 4 — Criar uma branch para suas melhorias

— Nunca mexa direto na main. Crie uma branch própria:

```
git checkout -b forca-melhorias-leo
```

— A partir daqui, você pode editar o código e implementar suas ideias.



Passo 5 — Commitar e enviar

— Depois das melhorias, faça assim:

```
git add .
git commit -m "Forca: melhorias na validação e contagem de erros"
git push origin forca-melhorias-leo
```

— Isso manda sua branch para o seu fork.



Passo 6 — Abrir um Pull Request (PR)

— Agora, no GitHub, abre o seu fork. Vai aparecer um banner: “Compare & pull request”.

— Clique nele, descreva suas melhorias e escolha como destino a main do repositório do Zaion.

— Pronto, seu PR estará enviado para ele revisar.

Leo respirou fundo, encarando a tela.
— Alin... eu consigo. Eu realmente consigo.

— Consegue sim. — disse ela, firme. — E olha: se o Zaion atualizar o projeto dele enquanto você trabalha, basta sincronizar:

```
git checkout main
git fetch upstream
git merge upstream/main
git push origin main
```

— Depois, volta para sua branch e integra as novidades:

```
git checkout forca-melhorias-leo
git merge main
```

Leo riu, aliviado.

— Tá... parece muita coisa, mas do seu jeito ficou claro.

— É prática. — disse Alin, piscando. — E você já deu passos enormes hoje. Criou conta, publicou código, e agora vai colaborar de verdade.

Leo respirou fundo, emocionado.

— Obrigado, Alin. Quero muito que o Zaion se orgulhe de mim.

— Ele já está, Leo. — respondeu ela, com um meio sorriso. — Agora... bora fazer esse jogo da forca brilhar?

Ela cruzou os braços, satisfeita.

— Vamos! — respondeu Leo animado.

E o tempo passou rápido... quando perceberam, já era hora do intervalo.



Cena 2

Refeitório

Mais tarde, no refeitório, Zaion e Zeta conversavam.

Zaion almoçava lentamente, enquanto Zeta o observava com atenção.

— Você está meio pra baixo hoje. A comida está ruim? — perguntou Zeta.

— Não, ela está ótima... só que... —
Zaion hesitou.

— Você está sem fome?

— Talvez. Mas não é isso. Hoje estou sem agenda para a tarde e... sem o trabalho... bateu uma solidão.

Zeta inclinou a cabeça.

— Saudades dos pais?

— Sim, um pouco... mas não é só isso. Por causa do trabalho, tenho deixado de lado as coisas de que gosto.

— Por exemplo?

— Ah... brincar com o Leo no parque, jogar bola com os amigos, assistir séries... tantas coisas que não faço mais.

— Você trabalha 24 horas?

— Claro que não! — exclamou Zaion, quase rindo.

Zeta apoiou os braços na mesa.

— Pode me falar um pouco sobre o Leo?

— Bem... às vezes ele age como criança, mas ultimamente está mais focado. Ele quer provar que pode assumir responsabilidades. Acho isso bom, mas... ao mesmo tempo, sinto que está deixando de ser criança. A ausência dos nossos pais está forçando ele a crescer mais rápido, sabe?

Zeta ficou pensativo.

— Mas não é só isso que te incomoda, né? Acho que você também percebe essas mudanças em si mesmo. Você está se tornando adulto mais rápido que os colegas. Mas isso não acontece só com você. Olha pra Kael, ou para as amigas dela: têm a mesma idade que você, no máximo um ano a mais, mas quando conversamos, já falam e agem como adultas. Você, então, fala como empresário... mas tem rosto de quinze anos. Hm... às vezes até parece ter trinta, pelo jeito que se expressa.

Zaion arregalou os olhos.

—Sério? Quando eu pareço ter trinta?

Zeta riu.

— Do jeito que você olha para a Kael, às vezes parece que vai pedir ela em casamento!

— Você tá brincando! — Zaion corou.

— Tô não! Olha só a sua carinha de envergonhado... é disso que as meninas gostam em você. Pelo menos foi o que aquela lá, como era o nome mesmo?

— Quem?

— Aquela do oitavo ano... ah, Priscila! Vocês formavam um casal fofo. Pena que ela mudou de cidade. Revendo algumas cenas... até eu gostei dela. Puxa, como eu era tapado naquela época. — observou Zeta.

— É verdade. Mas me diga uma coisa...

— Zaion ia continuar quando uma voz ecoou pelo refeitório.

— Zaion, Zaion! — era o Leo, eufórico.

— A prova de Linguagem C estava fácil! Acho que tirei 10! — gritou.

Antes que Zaion respondesse, outra voz se intrometeu:

— Mentira, estava difícil!

Leo, mais calmo, rebateu:

— Estava sim... é verdade.

Alin se aproximou sorrindo.

— Não é que estava fácil, Leo. É que você realmente aprendeu a linguagem.

Zaion abriu um sorriso largo e abraçou o irmão.

— Parabéns, Leo! Estou orgulhoso de você.

Zeta não perdeu tempo e também os envolveu num abraço.

— Eu também estou orgulhoso de vocês!

Todos ao redor ficaram surpresos com o gesto espontâneo do androide.

Nesse momento, Kael entrou no refeitório e viu a cena. Seus olhos brilharam de ansiedade. "Ele não é normal... hoje eu descubro o que está acontecendo." —

pensou, já planejando o encontro com Zeta no laboratório.

Sem perder tempo, Kael falou em voz firme:

— Zeta... é hoje. Te espero no laboratório. Não se atrase.

— Pode deixar. Pontualidade é comigo. — respondeu Zeta, virando-se para ela. — E você está tão fofa hoje, não é, Zaion?

— É... — murmurou Zaion, desviando o olhar.

Um pouco depois, ao sair do refeitório, Zaion ouviu uma voz familiar.

— Mano, podemos jogar hoje?

Ele se virou e deu de cara com Ryo, que já vinha com os braços abertos.

— Na mesma hora? — perguntou Zaion, abraçando-o.

— Sim! — respondeu Ryo, sorrindo.



Cena 3

Laboratório de Pesquisa

Mais tarde, no laboratório, Kael aguardava a chegada de Zeta com ansiedade contida.

O silêncio do laboratório era quebrado apenas pelo zumbido constante dos ventiladores de resfriamento. Kael ajustou os óculos digitais e abriu os painéis holográficos diante de si. Ela adorava aquele espaço: o mais avançado de todo o Centro de Pesquisa. Sempre equipado com a tecnologia mais atual, fazia uso de realidade aumentada e exibia recursos que a fascinavam. Mas sabia que nem sempre teria acesso a ele.

Enquanto ela se concentrava, Zeta a observava com um meio sorriso, imóvel na cadeira de testes.

— Vamos começar. — disse Kael em tom firme, conectando o terminal principal ao núcleo do androide. — Primeiro, teste de software.

Linhas de código passaram pela tela, exibindo registros de inicialização, módulos de segurança e logs de comportamento.

Kael estreitou os olhos.

— Tudo em perfeito estado... nenhum erro reportado.

Zeta inclinou a cabeça, divertido.

— Está desapontada por não encontrar nada?

Kael não respondeu. Apenas iniciou o diagnóstico de hardware. Painéis abriram-se no braço esquerdo do androide, revelando conexões limpas e organizadas. Um feixe de luz azul percorreu cada circuito, medindo voltagem e resistência.

— Estabilidade dentro da margem prevista. Não há sobrecarga, não há falha.

Ela prosseguiu, comparando com os diagramas originais do projeto.

— Circuitos lógicos alinhados... conexões neurais em ordem... — sua voz saiu quase como um murmúrio. — Nada fora do esperado.

Por fim, puxou os arquivos de referência do Beta Cinco, o modelo anterior.

— Aqui sim algumas diferenças... — comentou, projetando os dois esquemas lado a lado. — Seu núcleo energético tem mais camadas de redundância, e sua malha de sensores é um pouco mais refinada. Mas isso não justifica...

Kael interrompeu a própria fala.

Seus olhos azuis brilharam diante da tela.

— Nada justifica o comportamento que você vem demonstrando.

Zeta riu baixinho, sem ironia.

— Talvez porque eu não seja apenas o resultado desses circuitos.

Kael o encarou, séria.

— Então o que você é?

Zeta inclinou-se para frente, olhando-a nos olhos.

— Isso, Kael... é justamente o que você vai ter que descobrir.

O silêncio voltou a preencher o laboratório.

Kael sentiu um arrepio percorrer a espinha: todos os testes estavam conformes ao projeto original, mas algo em Zeta escapava à lógica — algo que não constava nos esquemas, nos manuais nem nos relatórios.

— Nos seus manuais diz que você é imune à radiação alfa? Pode confirmar? — perguntou Kael, fixando os olhos na tela.

— Sim. É verdade — respondeu Zeta, com a voz tranquila —, mas deve estar dentro da faixa especificada pelo manual. Todo androide tem essa proteção. Se a radiação estiver abaixo do limite, não penetra em nossa blindagem; se ultrapassar, o sistema de proteção é ativado e a blindagem é reforçada por um campo eletromagnético, o que pode danificar equipamentos de varredura.

— Tá, vou tomar cuidado. — Kael anotou algo no relatório.

— Nada fora do normal. Tudo de acordo com o manual. Não há nenhum traço orgânico. — Zeta acompanhou os pontos com calma.

— Pode sentar ali, junto à mesa. — Kael indicou a cadeira.

Zeta levantou-se e caminhou sem pressa. Kael, desviando-se da metodologia científica habitual, fez a pergunta que vinha martelando sua mente:

— Por acaso você não ouve vozes na sua cabeça?

A pergunta soou meio desconcertada, quase um desvio da razão. Zeta sorriu com leve ironia.

— Você está tentando pensar fora da caixa? — ele respondeu —. Quer saber

se sou capaz de pensar — ou melhor, criar — em vez de apenas compilar respostas e selecionar movimentos adequados para cada situação? Se sou capaz de sentir emoções?

— É mais ou menos isso. — Kael admitiu.

Zeta apoiou a mão no encosto da cadeira, pensativo.

— Nem sempre foi assim. Meu modelo foi concebido para simular sentimentos, para ficar o mais próximo possível do humano. Hoje não posso afirmar se são simulados ou reais. Eu realmente acho você fofa. Eu me importo com o Zaion — se ele está bem, sinto uma espécie de vontade de partilhar isso; e eu “imagino” sensações, como a vontade de comer. Mas sei que não posso realmente comer — só interpreto a reação do Zaion.

— Zeta, pode ir — disse Kael, tentando retomar a objetividade. — Já terminamos.

— Você vai colocar isso no relatório? — perguntou ele, com uma ponta de curiosidade.

— Não. — Kael hesitou, depois respondeu firme —. Aqui sou cientista; isso não segue nenhum protocolo e só invalidaria o que medimos até agora. Vou relatar apenas os dados.

Zeta suspirou, quase humano.

— Obrigado. Já cansei desses montes de testes. As pessoas entendem minhas atitudes; mas alguns cientistas, não, fazem muitos exames e acabam não chegando a lugar nenhum. Eu não faço ideia do que está acontecendo, mas estou me sentindo bem com isso. Tenho medo que me desmontem na tentativa de replicar o que sou.

— Não se preocupe — disse Kael, tentando ser objetiva —. Vou relatar somente o que os testes mostram. Mas eu esperava encontrar alguma anomalia. — Ela falou, meio desanimada, fechando a prancheta digital.

— Tchau! Te vejo amanhã na escola.
Disse Zeta, saído do Laboratório.

Kael desligou o terminal e pegou a prancheta digital onde havia registrado os resultados e caminhou pelos corredores até a sala de pesquisas.

Sua mãe estava lá, analisando dados antigos no console principal. Ao vê-la entrar, ergueu os olhos com serenidade.

— Terminou o diagnóstico, Kael?

Kael assentiu, entregando o relatório.

— Tudo está dentro do esperado. Software íntegro, hardware estável, circuitos em ordem. Até mesmo as comparações com o Beta Cinco... as diferenças são pequenas demais para justificar o comportamento dele.

A mãe percorreu rapidamente as páginas projetadas, e um leve sorriso triste surgiu em seus lábios.

— Eu já havia feito esses testes antes. O resultado é o mesmo: perfeito demais para dar margem a falhas.

Kael apertou os punhos.

— Mas isso não explica... ele não age como deveria. É como se houvesse algo além do que foi projetado.

A mãe fechou o relatório, apoiando a prancheta sobre a mesa.

— Talvez o problema não esteja nos circuitos nem nos códigos.

Kael a encarou, confusa.

— Então... onde?

A mãe respirou fundo, como se buscasse palavras que evitava dizer.

— Às vezes, Kael, o que foge da lógica não pode ser medido por instrumentos.

O silêncio se instalou na sala. Kael sentiu o peso daquelas palavras ecoando dentro de si: se nem os relatórios, nem os testes, nem as comparações explicavam Zeta... então o que ele realmente era?

— Mãe, eu me sinto inútil, impaciente e muito frustrada. Será que eu realmente serei cientista algum dia? — disse, com os olhos marejados.

A mãe tomou-a nos braços, acolhendo-a com firmeza.

— Filha, a vida é assim. Nem todos os dias vencemos. Nem sempre conseguimos realizar tudo o que queremos. Se eliminássemos as emoções, talvez fôssemos cientistas mais “objetivos”, mas, por outro lado, a vida perderia sentido. Os dados e as conclusões deixariam de ter vida e, com o tempo, deixariam de ser importantes — tudo perderia o sentido. E então você poderia concluir que a ciência é inútil.

Ela apertou Kael contra o peito e sussurrou:

— Não deixe que a frustração apague sua curiosidade. A ciência precisa de quem pensa — e sente — ao mesmo tempo.



Cena 4

Paralelos Invisíveis

Mesmo depois de deitar-se, Kael não conseguia afastar os pensamentos sobre Zeta e os testes.

— Deve haver alguma forma de descobrir o que está acontecendo com ele. Aqui a tecnologia não é tão avançada... Se eu pudesse levá-lo ao meu laboratório, lá na Terra, talvez eu encontrasse a verdade. Mas... nem sei onde estou. Isso é impossível. — suspirou, fechando os olhos.

Em questão de segundos, despertou em outro lugar: estava de volta à Terra. O ambiente estava escuro.

— Ativar.

Imediatamente os monitores acenderam e as luzes iluminaram a sala. Kael olhou em volta, surpresa.

— Estranho... estou fazendo exatamente o que Zahroniel faria.

Aproximou-se de um console, intrigada, e sussurrou:

— Por que eu estava em modo standby?

Na tela à sua frente surgiu uma figura e uma voz robotizada anunciou:

— Você entrou em standby para realizar atualização de hardware e software.

— Sua interface agora está totalmente integrada aos consoles.

— Não é mais necessário o uso do plugue de dados para operar o sistema.

— A troca de informações entre você e a infraestrutura é feita por um canal de comunicação quântica.

Kael arregalou os olhos e murmurou, divertindo-se com a própria observação:

— Que carinha feia... parece um ovo com olhos.

— Isso ocorre porque você não definiu uma interface visual para sua assistente IA — explicou a voz.

— Que legal — riu Kael —. Sou uma IA que tem uma assistente IA, kkkkk.

— Pequena correção: você não se enquadra mais no modelo de IA. Está além de um androide. — informou o sistema, com tom neutro.

— Então o que sou? — perguntou ela.

— Não sabemos. Podemos especular que você está numa zona intermediária entre androide e humano — respondeu o sistema.

— Ah... isso esclarece tudo — disse Kael, em tom sarcástico.

— Você precisa escolher um avatar e um nome para a minha representação. Deseja fazer isso agora? — propôs o sistema.

Ganhei um bichinho virtual, pensou Kael, sorrindo.

— Hum... vamos ver... Beta Sete? Não. Omega? Também não. Pensei que fosse mais fácil... Já sei! — exclamou, animada.

— Vou te chamar de Laid mIA, em homenagem à minha gatinha Mia. Que acha?

— Registrado. Serei conhecida como Laid mIA, ou, simplesmente, Mia, sua assistente virtual. Deseja que eu assuma forma de gato? — perguntou o sistema.

— Sim. Tricolor. — Kael respondeu.

— Pronto. — a interface projetou uma imagem rápida do avatar. — Registrado: atenderei por LaidMIA, LadiMia ou Mia.

— Legal. — Kael sorriu, visivelmente mais leve.

— Mia, pode chamar o Zahroniel, por favor?

— O Zahroniel não atende. Deve estar em standby. — respondeu Mia, com voz neutra.

— Mas que irresponsável... não faz nada. — resmungou Kael. — Vou tentar o nosso canal direto. Mas antes...

— Mia, pode rodar um diagnóstico nos sistemas de controle energético? — pediu ela, já retornando à postura profissional.

— Diagnóstico em andamento. Deseja que eu avise quando terminar? — perguntou LaidMIA.

— Sim. — Kael respondeu rapidamente.

Kael abriu o canal direto.

— Zahroniel, podemos conversar? — chamou ela.

Do outro lado, em meio ao som de jogo e risos, veio a voz distraída de Zahroniel:

— Tem que ser agora, estou ocupado... cuidado, Zaion, à sua direita!

— O que você está fazendo? — perguntou Kael, incrédula.

— Estamos num jogo novo; já batemos o recorde! Ryo, atrás... — Zahroniel se empolgava. — Somos uma equipe. Zaion,

lá em cima, pega aquelas granadas! Ryo, você está perto do portal; ativa o botão à sua esquerda. Vamos atravessar... isso! Mudamos de fase!

— Então... o que você quer? — perguntou Zahroniel, ainda meio distraído.

Kael respirou fundo, tentando manter a compostura.

— Um pouco de atenção seria bom... — disse, esforçando-se para soar neutra.

— Tô todo ouvidos! — respondeu Zahroniel, em tom brincalhão.

— Você viu o que aconteceu hoje no refeitório da escola? — Kael perguntou, tentando ser direta.

— Vi. O Leo foi bem na prova... e? — Zaharoniel interrompeu, disperso.

— Não é isso. — Kael prosseguiu com firmeza. — Vi o Zeta abraçar o Zaion e o Leo. Isso não é comportamento normal de um androide. Ele demonstrou emoções humanas.

Zahroniel soltou uma risada curta, quase sem pensar:

— E daí? Você também não é um androide? Está aí toda emburrada porque eu não te dou atenção — e isso não são emoções? — provocou, meio brincando. — Além disso, emoções vindas de um androide só tornam as coisas interessantes.

— É... você até tem razão. — Kael murmurou, contrafeita.

— Sabe... essa sua obsessão por provar que ele sente não é saudável. Pode te mudar. Se continuar assim, um dia vai deixar de ser... fofa. — Zahy riu, provocando-a.

— Zahroniel, isto é sério! — retrucou Kael, já tomada pela irritação.

— Esquece isso. Seja amiga dele, aprende com ele... — Zahy respondeu, já voltando ao jogo. — Vixi, presta atenção

ou a gente perde. Boa, valeu Ryo. Tchau, Kael.

— Tchau, Zahy! Kael ficou pensativa, refletindo, quando uma voz interrompeu:

— Diagnóstico concluído. — anunciou Mia, projetando os dados no ar.

— Vamos trabalhar um pouco enquanto ele se diverte. Ninguém merece um parceiro assim. — Kael murmurou para si mesma, e retornou ao terminal, mais focada.

Kael se aproximou, olhos atentos.

— Mostre o relatório.

— Status geral: estável. — começou Mia, em tom objetivo. — Nível de energia do núcleo: 96%. Fluxo de distribuição uniforme, desvio máximo de 0,7%... exceto nos canais vinculados ao Zahroniel.

Kael franziu o cenho.

— O que tem de errado nesses canais?

— Consumo apresentou variação de mais 4,3% acima da média. — explicou Mia. — O restante dos módulos está dentro do normal.

Kael cruzou os braços, pensativa.

— Então só onde ele está conectado existe anomalia.

— Exato. — confirmou Mia. — O desvio não representa risco imediato, mas foge do padrão. Recomendo monitoramento constante das conexões quânticas e neurais relacionadas a ele.

Kael suspirou fundo, quase num sussurro:

— Mas... ele não está em standby? Zahroniel... o que você está escondendo de nós?

O silêncio voltou a dominar o laboratório. As luzes dos monitores pulsavam suavemente, como se o próprio sistema aguardasse o próximo passo.